

# STEFAN ZWEIG: MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA

Christiane Vieira Laidler<sup>1</sup>

## **Introdução** – Zweig por Zweig

Em 1942, na cidade de Petrópolis, ao prefaciá-las suas memórias, publicadas com o título “O mundo que eu vi”, Stefan Zweig tratou a experiência de seu tempo como a passagem dos “sinistros ginetes do Apocalipse”. Referia-se aos fenômenos derivados da Grande Guerra, conflito que determinou a ruptura total com o passado, segundo a perspectiva que sedimentou nos trinta anos seguintes.

Todos os sinistros ginetes do Apocalipse passaram impetuosamente pela minha vida, a revolução e a fome, a desvalorização do dinheiro e o terror, as epidemias e a emigração, vi crescerem e propagarem-se sob as minhas vistas as grandes ideologias de massas, o fascismo na Itália, o socialismo nacional na Alemanha, o bolchevismo na Rússia e sobretudo essa arquipeste, o nacionalismo, que aniquilou a florescência de nossa civilização europeia. (1953: 8)

Zweig viveu as duas maiores guerras da humanidade e sua narrativa pode ser tomada como a perspectiva de uma geração de europeus que cresceu durante a fase áurea do capitalismo e da materialização da ideia de progresso, a belle époque, e a destruição de valores e tradições consolidados ao longo do século XIX, que conferiam estabilidade e segurança à vida dos indivíduos, sobretudo das classes mais privilegiadas. Mas o lugar do qual Zweig viveu e observou a tragédia europeia é também muito específico, como é o lugar de cada indivíduo. Austríaco, judeu, escritor, humanista e pacifista, como ele próprio descreveu a si, não apenas viu-se obrigado a deixar a terra em que nasceu, como não a encontraria mais.

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciência Política – IUPERJ. Professora de História Contemporânea da UERJ-FFP.

Todo o passado da sua pátria, Viena, deixaria de existir. Desse lugar que ocupava na sociedade austríaca que foi destruída pela Grande Guerra, sua percepção da tragédia europeia foi a da derrota da razão para o mais bárbaro triunfo da brutalidade. É essa a perspectiva que pretendo analisar a partir da narrativa construída pelo autor ainda no calor das consequências mais dramáticas sobre sua vida de indivíduo sem pátria.

A leitura e análise de um memorialista tem extremo valor para a compreensão do passado, justificando-se como instrumento que permite uma leitura qualitativa das suas representações e da relação dos indivíduos com a sociedade de seu tempo. Nesse sentido, como instrumento da história política, a pesquisa de narrativas e memórias é particularmente valiosa porque, ao permitir compreender a construção de subjetividades, dá ao pesquisador acesso a um repertório de valores que organizam as visões de mundo e as formas possíveis de atuação dos atores. Na medida em que as narrativas são escolhidas e construídas a partir de ideias e significados compartilhados, permitem compreender o vocabulário e a estrutura conceitual capaz de organizar a experiência no tempo e a intervenção na sociedade, sobretudo em se tratando de intelectuais.

*O mundo que eu vi* é uma narrativa que procura dar significados à vida do autor desde a sua formação colegial, ainda jovem, na Viena da primeira década do século XX, até o final da Segunda Guerra Mundial, quando já teria passado por inúmeras experiências de exílio. Minha abordagem estará restrita ao período que se segue a Primeira Guerra Mundial e às suas consequências. Na primeira parte recupero as referências intelectuais e políticas do autor, sua vida, e os ideais compartilhados por intelectuais que integraram a elite universitária em Viena e Berlim no início do século XX. Na segunda parte sistematizo as interpretações sobre as incertezas políticas e imprevisões da Primeira Guerra, quando poucos pacifistas restaram. Por fim, quero explorar as interpretações sobre as rupturas, o fim das referências, um mundo sem segurança ou ordem pré estabelecida, que permite a reconstrução completa a partir de uma tabula rasa, onde todos os valores perderam sua solidez e já não serviriam de base a expectativas sobre o presente imediato ou o futuro.

## I – A Belle Époque-

Filho de uma família abastada, Zweig viveu a infância e a juventude em ambiente próspero que lhe permitiu a melhor formação intelectual disponível, complementada com estadas em Berlim, Londres e Paris. O pai era dono de indústria de tecidos, o avô havia passado da manufatura à indústria com a onda do progresso do século XIX. A mãe era filha de uma família cosmopolita de banqueiros, de cujo ramo italiano provinha. Se autointitulava de “boa família”. Eram ricos na altura da infância e juventude de Zweig e um dos valores das “boas famílias” judias, segundo Zweig, era a educação e a atividade intelectual, possivelmente como forma de superar a visão pejorativa de grupo social ligado a atividades financeiras, a de usurários.

As condições de vida da infância e juventude foram as de uma época de segurança, em que tudo parecia estabelecido para sempre na monarquia austríaca. O dinheiro circulava em moedas de ouro, confirmando a expectativa de imutabilidade. Tudo tinha norma e medida determinada, e cada aspecto da vida parecia firme, inamovível. Assim Zweig descreveu a compreensão que tinha do mundo no seu tempo de juventude. A sensação de segurança e da imutabilidade das relações não deixava lugar para o medo, ou para expectativas pessimistas. A razão reinava. Depois de um século de paz e progresso ininterrupto, incluindo o avanço dos direitos do indivíduo, a crença de que o homem havia alcançado esclarecimento suficiente para superar os males de sua menoridade, como as guerras, as revoltas, e todo o tipo de violências, era tão sólida que produzira certa alienação em homens de letras como Zweig. (1953, 13) Em retrospecto, pode parecer inequívoco que este estado de espírito seja apenas uma ilusão otimista. No entanto, a memória reconstruída com rigor a propósito dos sentimentos do autor, buscou especialmente descrever a surpresa, o espanto, e a ruptura com o passado que a Grande Guerra produziu, sem que se pudessem explicar de forma convincente as suas causas. E, sobretudo, sem que fosse possível encontrar uma justificativa racional para aquela tragédia sem precedentes.

De acordo com Zweig, Viena era uma cidade especialmente cultural. Sem centralidade política ou grandes feitos militares, o orgulho nativo teria se voltado para o predomínio na arte. Como centro de cultura, a cidade era receptiva e vivia uma atmosfera de “conciliação espiritual”. Em sua perspectiva, “todo cidadão de Viena

inconscientemente era educado para ser internacional, para ser cosmopolita” (1953, 21). Aqui, a compreensão de que a riqueza cultural está diretamente relacionada à ausência de motivos de orgulho nacional parece teleológica, em alguma medida. É bastante reconhecida a expressão cultural vienense anterior à queda de importância política relativa do Império Habsburgo, e muito mais provável que tanto essa expressão, quanto o cosmopolitismo a que alude tivessem sua origem no desenvolvimento de uma capital imperial cujas atribuições eram internacionais. O fato incontestável, entretanto, era o ambiente de receptividade e de fruição da arte, em diferentes formas de expressão -teatro, música, ópera, poesia. Em parte, a visão que desenvolveu sobre sua pátria se baseia na comparação com o rápido desenvolvimento econômico e político da Alemanha. Tratando do que chamou de “teatromania”, afirmou que a “nossa indolência austríaca em política, nosso atraso na vida econômica em comparação com o resoluta império vizinho, o alemão, devem, com efeito, em parte ser atribuídos a essa superestima da arte, do gozo”(1953, 26). Em parte, tratava de si próprio, de sua própria alienação, que compartilhava com demais literatos, interessados apenas na mais alta expressão do espírito. A justificativa que encontrou na memória para o alheamento dos assuntos políticos foi sua absoluta fé no progresso e na razão. Não se pode deixar de perceber que há uma culpa impregnada em sua consciência sobre o silêncio dos homens de letras e artes, que, como ele, negligenciaram as ameaças à paz, que eles só reconheceriam quando se estabeleceu o conflito, e a maioria abraçando incondicionalmente a causa da nação.

A relação dos judeus com as artes é parte fundamental de sua narrativa e da compreensão de seu lugar no mundo. Os judeus almejavam a vida intelectual para se libertarem do que parecia qualificá-los socialmente, “o mero e frio ganhar dinheiro, e talvez nisso até se exteriorize o secreto anseio de mediante fuga para o intelectual sair do que é apenas judaico, para se confundir com o que é propriamente humano”. Discussões sobre a identidade judaica à parte, Zweig vai tecendo seu universo de inserção social, encontrando as razões para sua alienação política, e descrevendo um mundo de tolerância, cavalheirismo, ordem, e mudanças suaves. Nem mesmo os nacionalismos atingiam essa ambiência de paz. “O ódio entre países, entre povos, entre pessoas ainda não saía do

jornal para assaltar diariamente o indivíduo, não separava as pessoas e as nações” (1953, 31). E as guerras que ocorreram na periferia, a dos bôeres, a russo-japonesa, e mesmo a dos Bálcãs, não afetaram o cotidiano das famílias vienenses.

A única grande novidade que agitou a última década do século e, de alguma maneira, sacudiu os espíritos, demandando uma nova ordem, foi a mobilização operária. As massas outrora dóceis passaram a reclamar direitos. A primeira marcha de trabalhadores no centro de Viena causou verdadeiro pânico. Polícia e exército foram mobilizados, o comércio permaneceu de portas fechadas, e os carros deixaram de circular nas alamedas por onde passariam os operários saídos dos subúrbios. As crianças foram proibidas de sair naquele “dia terrível, que poderia ver Viena em chamas” (1953, 63). Mas nada aconteceu. Os trabalhadores marcharam acompanhados de suas famílias com cravos vermelhos, como distintivo do partido socialista. Depois surgiram os cravos brancos representando o partido social cristão. As flores tem uma função simbólica importante no texto. Zweig comparou o tempo em que os distintivos eram flores com as referências que seriam usadas posteriormente nas bandeiras dos novos partidos, como botas, punhais e caveiras.

Uma força contrária à segurança e à estabilidade vividas na Áustria era o Partido Nacional Alemão. Mas, segundo Zweig, era impossível perceber naquele contexto que ele trabalhava para destruir a monarquia Habsburgo em nome da Grande Alemanha, sonhada muito antes de Hitler. O partido era pequeno e concentrava seus membros em territórios boêmios e em territórios limítrofes alpinos. Mas já compensava sua pouca importância com a agressividade e brutalidade com que atuava.

A formação intelectual de Zweig se completou com uma estada em Berlim, e outra em Paris. Ter conhecido e vivido nas duas cidades permitiu que traçasse uma comparação que é fundamental para apreender a compreensão que de alguma maneira desenvolveu sobre as razões do fracasso da razão, do espírito de tolerância e do humanismo, que em determinado momento parecia-lhe um resultado incontornável do progresso técnico e humano alcançado no início do século XX. Ou seja, para as questões que o angustiavam – como podemos não ter percebido o que se armava? como as estruturas da estabilidade e da paz estavam sendo corroídas? – surgiram as primeiras respostas.

Era preciso ter conhecido antes Berlim a fim de gostar bem de Paris; era preciso ter visto o servilismo voluntário da Alemanha com o seu espírito de classe muito apurado, ter visto esse país onde a esposa do oficial não tinha relações com a esposa do professor, esta com a esposa do comerciante, e esta, nem se fale, com a esposa do operário” (1953, 121).

Enquanto a rígida hierarquia determinava papéis e funções na ordeira Berlim, “Paris só conhecia justaposição das coisas que se contrapunham, não conhecia o em cima e em baixo” (1953, 121). Assim, ao longo da narrativa, Zweig se identifica à Paris e aos valores igualitários que lá observou, os quais ocuparam centralidade em seu texto, e desenvolve observações contrárias e extremamente negativas sobre a sociedade alemã.

Ao final da primeira década do século XX, Zweig havia vivido nas principais capitais da Europa, viajara pela Índia, partes da América e da África. Era também um escritor reconhecido e de sólida reputação. No contexto em que a paz dava seus últimos suspiros, de volta à casa, acreditava mais do nunca no futuro da Europa. Não via o clarão do incêndio que se aproximava.

No balanço que fez, pareceu-lhe acertado o otimismo depois de 40 anos de paz na Europa, afinal, havia um surto de progresso e o fortalecimento das economias nacionais. Em ritmo acelerado, as inovações técnicas davam um orgulho que se sedimentava como parte do espírito da sua geração. As atividades culturais se multiplicaram, as horas de trabalho dos operários foram diminuídas, reduzindo preocupações e tensões sociais. As distâncias foram encurtadas com a expansão do uso de trens elétricos, automóveis e bicicletas. A prática de esportes, o lazer e as viagens de férias tornaram-se bens desejados por todos, e conquistados por cada vez mais indivíduos. Em retrospecto, havia, seguramente, mais motivos para a confiança e o otimismo do que para o temor.

## II – A Guerra

“Luz e sombra sobre a Europa” é o título do capítulo que narra os acontecimentos e impressões do autor em 1914. O progresso e força da Europa eram perigos que por muito tempo passaram despercebidos pelo autor e por intelectuais em geral. “A atitude dos intelectuais infelizmente era indiferente e passiva, pois graças ao nosso otimismo, o problema da guerra com todas as suas consequências morais ainda não penetrara no terreno de nossas cogitações” (1953, 182). Zweig afirmou ainda que não havia livros ou monografias de intelectuais importantes com alguma advertência veemente. Desconsiderou, portanto, a mobilização pacifista, tão expressiva por ocasião das Conferências de Haia, ou talvez a tenha considerado como sinal do racionalismo que determinaria a resolução pacífica de conflitos, apesar de suas derrotas na luta pelo estabelecimento do princípio da arbitragem obrigatória para resolução de conflitos. Isto para não falar da impossibilidade de negociações internacionais em torno de qualquer acordo sobre desarmamento. Insistiu que a crença na razão que evitasse “o erro” era real. Talvez tenha sido a falha dos intelectuais que, como ele, confiaram em Jaurés e na Internacional Socialista, e, sobretudo, não puderam conceber que os operários transportassem soldados e suprimentos para o front, ou que mulheres permitissem que seus filhos fossem para o front. “Estávamos convencidos de que a força moral, a força espiritual da Europa, haveria de se mostrar triunfante no derradeiro momento” (1953, 183).

Os primeiros sinais de perigo assaltaram Zweig entre 1912 e 1913. Num encontro com Berta Suttner, durante a segunda guerra dos Bálcãs, a pacifista gritou-lhe no meio da rua “isso já é a guerra, e mais uma vez nos ocultaram tudo. (...) As coisas estão piores do que nunca, a máquina já está em movimento. (1953, 192)” Em 1913, ao acaso, travou os primeiros contatos com Romain Rolland (que seria uma fonte de inspiração pacifista e Nobel de Literatura em 1915). Rolland escrevera o romance *A Aurora*, um apelo à confraternização da Europa. As forças do ódio então, pela primeira vez, lhe pareceram mais veementes do que as da conciliação. Num terceiro episódio, já em 1914, em Tourraine, na França, Zweig pode sentir o ódio da “gente miúda, operários, soldados, vendedores do

mercado”, a “verdadeira plebe” que lotava uma sala de cinema improvisada. Na apresentação das “novidades do mundo inteiro”, uma reportagem mostrava a visita do imperador Guilherme, da Alemanha, a Francisco José, da Áustria. De modo inteiramente espontâneo, as manifestações contra o imperador alemão assustaram Zweig. O público vaiava, assobiava e pateava. “Percebi quão profundamente deveria ter penetrado o veneno da propaganda do ódio realizada durante anos e anos” (1953, 193). Rolland já o havia advertido sobre os perigos desse ambiente de paixões nacionalistas. “Quantos resistirão quando virem pregadas as ordens de mobilização? Estamos numa época dos sentimentos das multidões, da histeria das multidões, cuja violência, no caso de guerra, ainda não é possível conhecer” (1953, 194).

O atentado de Sarajevo, em 29 de junho de 1914, desencadeou a mobilização geral, e, em retrospecto, era preciso encontrar as razões da brutalidade, da desrazão. Para Zweig, foi a própria força da Europa que gerou o perigo e o conflito incontornável. O sentimento de força seduziu os homens e as nações a “fazerem uso e abuso dela” (1953, 182). A avidez da expansão era a expressão das nações poderosas. Não estavam em jogo ideias ou qualquer objetivo razoável. A guerra não podia ser explicada senão pelo excesso da força, consequência do dinamismo anterior.

O atentado de Sarajevo não causara grande comoção entre os austríacos, que preferiam o arquiduque Carlos como sucessor ao trono. Em sua visão, nada indicava que o atentado pudesse ser aproveitado para uma ação política contra a Sérvia. A imprensa colaborou com a ampliação da centralidade política do atentado, que, na perspectiva do autor, era apenas mais um na história da monarquia. Seguiram-se o ultimato, a declaração de guerra, e a mobilização das alianças. Na Áustria, “o espanto inicial... transformara-se em entusiasmo”, “os jovens marchavam triunfalmente e suas fisionomias estavam alegres porque o povo os aclamava”. No primeiro movimento da multidão, havia de fato algo de grandioso e arrebatador. Os milhares de indivíduos sentiam, pela primeira vez, que pertenciam a um todo. As diferenças de religião, classes, ou idiomas desapareceram por um sentimento nacional sedutor compartilhado no momento inicial da mobilização. Zweig qualificou como uma “ebriedade sinistra” esse impulso violento ao

conflito que chamou de “o maior crime da nossa época”. Freud, que se tornaria um amigo em tempos vindouros, não sem razão supôs que havia uma força profunda que atuava na formação desse arrebatamento das multidões. Instintos primitivos e inconscientes expressavam um desejo de libertação do mundo das leis, uma “aversão à civilização” (1953, 205).

Mas o que sabiam de guerra as multidões de 1914? Quando muito, alguns idosos lembravam a guerra contra a Prússia em 1866, conflito de três semanas que terminara com poucas vítimas. Nada que pudesse, de longe, antecipar a carnificina da Grande Guerra que se iniciava.

Intelectuais de todas as áreas, em sua maioria, trabalharam em favor da guerra. A posição de Zweig tornou-se difícil, sobretudo porque na Áustria não se gozava da mesma liberdade que havia em outras partes do mundo, como na Inglaterra. Os poetas atuaram na propaganda, fortalecendo o entusiasmo das multidões. Escritores negaram a existência da cultura inglesa e da cultura francesa. Filósofos proclamaram justificativas para a guerra. E, de acordo com Zweig, a maior parte deles era dotada de motivações e sentimentos sinceros. Ernest Lissauer, poeta judeu recusado no serviço militar, expressou seu sentimento contra a Inglaterra num poema intitulado “Canto de ódio contra a Inglaterra”. Com versos breves e violentos, a poesia se espalhou rapidamente por todo o país. É claro que cinco anos depois, quando aos comerciantes interessava retomar os negócios com a Inglaterra, e aos políticos retomar as relações, Lissauer foi acusado de semear o ódio, e renegado inclusive por poetas e literatos.

Mas a histeria do ódio havia se propagado rapidamente e, para Zweig, tornara-se impossível manter uma conversa sensata com alguém. O fanatismo patriótico havia transformado os pacifistas, os individualistas e até os anarquistas em “anexionistas insaciáveis” (1953, 215). Os contrários foram logo classificados como derrotistas e inimigos da pátria. Tendo perdido amigos e a possibilidade de interlocução na Áustria, escreveu artigos endereçados aos amigos estrangeiros declarando suas convicções contrárias ao ódio, e sua disposição de trabalhar em favor da cultura europeia. Rolland, exemplo de força espiritual foi seu principal interlocutor. Para ele, o único caminho era o da não cooperação e o trabalho voluntário em

favor do socorro e do humanitarismo. Escreveu o manifesto pacifista intitulado "Acima da peleja" em 1915, exigindo dos artistas justiça e humanidade. Causou a ebulição dos ânimos, e mexeu com as consciências. Publicaram-se opiniões contrárias, mas também apareceram os defensores da paz e do direito internacional.

Em seguida, Rolland iniciaria campanha para uma conferência que reunisse os principais intelectuais da Europa na Suíça, a fim de que se unissem em um apelo comum à concórdia. Os esforços de Zweig para mobilizar os mais prestigiosos escritores da língua alemã malograram. Algumas recusas, incluindo a de Thomas Man, que se alinhara à causa alemã, e a de Rilke - este, embora ao lado da paz, evitava a ação pública - indicaram as dificuldades que em 1915 ainda se impunham contra os esforços pela paz. Embora com pouco sucesso também na França, a iniciativa de Rolland e Zweig prosperou no sentido de mobilizar intelectuais isolados. Mantiveram suas colunas em favor de princípios pacifistas e a polêmica era combustível para a repercussão de um movimento ainda muito restrito.

A essa altura faltava a Zweig a experiência do front. Precisava ver a guerra, sua realidade. Não aceitara convites de jornais para coberturas jornalísticas que o fariam necessariamente apresentar a guerra no sentido positivo e patriótico, justificando-a. Uma oportunidade diferente de visitar a frente da Galícia surgiu após a ofensiva vitoriosa de 1915, desta vez a serviço do exército, apenas para reunir documentos e proclamações russas para o arquivo militar. Viajou algumas vezes em trens hospitais. Experimentou pela primeira vez os horrores da guerra. E ao ler as notícias da vitória que circularam nos jornais de Viena, sentiu "repugnância sob a verdadeira forma de ira". As notícias davam conta de uma vitória com diminutas perdas. "A mentira da guerra apresentou-se a mim grande, nua e descarada" (1953, 228). Isto foi um impulso contundente, era preciso combater a guerra, o falso heroísmo daqueles que enviavam os outros para as frentes do sofrimento. Suas obras passaram, então, a refletir o tema dos vencidos.

Somente em 1917 foi possível perceber uma mudança efetiva dos espíritos. A tragédia Jeremias, que escreveu para o teatro, um texto de oposição exasperada à época, foi recebida com entusiasmo. Vinte mil exemplares vendidos em seguida ao lançamento. Diretores de teatro pedindo os direitos da primeira representação. Antigos

opositores aplaudiram a obra publicamente. O tempo se encarregara de mostrar, com todas as cores, a tragédia da guerra. O heroísmo nacional e a vitória não passavam então de uma ilusão cujos custos eram extravagantemente cruéis. A verdade dos soldados era oposta àquela dos que permaneceram em casa. A escassez se abatia sobre os mais pobres, exacerbando os ânimos contra a riqueza e a desconfiança contra as classes que pareciam atravessar incólumes o período de privações.

Naquele ano, um movimento no governo para a negociação de paz em separado, que Zweig conheceu quando em contato com pacifistas de Salzburgo, estava em marcha. O governo austríaco esperava pela provável saída da Rússia da guerra, criando um cenário diferente no qual não existiriam obstáculos para a paz.

Salzburgo havia sido uma pequena parada na viagem à Suíça, onde Zweig encontraria a sensação da liberdade, e da vida trivial que fora perdida. O telégrafo era livre, todos os jornais franceses, italianos e ingleses circulavam, e, de repente, o absurdo da guerra tornava-se notório e contundente. Como era importante a existência desse país supranacional! Além de Rolland, aproximou-se de um pequeno grupo de intelectuais franceses que se reuniam em torno de Henri Guilbeaux, fundador da revista *Demain*, a única revista de relevância intelectual contrária à guerra publicada durante o conflito. As relações e o prestígio de Rolland, que esteve ligado ao grupo desde o início, deu reconhecimento à iniciativa e propiciou a participação de colaboradores da Europa e da América. Lenin e Trotsky, então na Rússia, reunindo forças, escreviam com regularidade para a revista. Entretanto, a veemência e intransigência de Guilbeaux renderam-lhe uma condenação à morte na França, e a prisão na Suíça. Sua salvação foi a amizade de Lenin, que lhe devia gratidão pelo apoio que recebido durante os tempos difíceis de exílio. Tornando um cidadão russo não foi de grande ajuda na construção da revolução. Polemizou também com os revolucionários e morreu em Paris, para aonde havia voltado depois do indulto.

A vida em Zurich durante aquele período foi a experiência de maior efervescência experimentada por Zweig. Estavam ali toda a sorte de intelectuais, negociistas, especuladores, espiões e propagandistas. Ouviam-se todas as opiniões, das mais apaixonadas às mais racionais, e todas as línguas.

James Joyce foi a pessoa que maior admiração causou a Zweig nesse universo plural de Zurich. Queria libertar-se do idioma nacional, no seu caso o inglês, para não incorporar em sua obra uma determinada tradição. Seu ressentimento contra Dublin e contra a Inglaterra o levaram a um isolamento marcado por uma energia criadora que está na base do seu *Ulisses*.

Como pacifista, em busca de uma comunhão universal, os grupos radicais não seduziam Zweig. Com relação à revolução em processo na Rússia, avaliava houvera, num primeiro momento, uma identificação com ideais humanitários, mas, em seguida, havia motivos para alguma incredulidade, e era preciso esperar seus impactos. Zweig teria oportunidade de conhecer a experiência e manter-se-ia como um observador crítico, percebia o esforço sistemático do governo revolucionário em conquistar simpatizantes entre formadores de opinião e isso lhe causara certa desconfiança sobre o que vira, com a certeza de que somente lhe fora permitido ver o que era de interesse do governo. Diferente das viagens que narrou ao longo das memórias, a visita à Rússia foi guiada, não havia espaço ou liberdade para explorar as condições do país.

Já em relação aos planos de Wilson, a posição de Zweig é entusiástica. Seu projeto de paz fundado na autodeterminação foi saudado pelo autor, assim como pela maioria dos europeus, numa demonstração de confiança e credulidade, não apenas numa paz duradoura, mas no suposto idealismo pacifista do presidente dos Estados Unidos, até hoje enaltecido por inúmeros autores, a despeito da vocação imperialista que os Estados Unidos desempenhavam agressivamente tanto na América Latina quanto na Ásia desde o último quartel do século XIX, e sob o seu governo.

Acreditamos no grandioso programa de Wilson, que era inteiramente igual ao nosso, vimos no Oriente, naqueles dias em que a revolução russa ainda festejava núpcias com ideias humanitárias e ideais, aparecer um clarão vago. Fomos tolos, eu sei. Mas não só nós o fomos (1953, 255).

### III – O pós-guerra

A volta à Áustria marcou o início de uma experiência de ruptura com o passado e perda das tradições, descrita com realismo e a sensibilidade de quem, em 1942, já havia perdido também a pátria. Não restava nada do passado. Tchecos, poloneses, italianos e eslovenos haviam arrebatado territórios do antigo império que sangrava. Na capital, sobreviviam, com frio e fome, 2 dos 7 milhões de habitantes da Áustria. As fábricas que enriqueceram o país estavam, então, em território estrangeiro. Faltavam todos os principais produtos de abastecimento, do pão ao petróleo. Era previsível uma solução radical, como a revolução. Além disso, o país criado pelos vencedores não desejava aquela independência. Segundo Zweig, parecia claro que a nação preferia a união à Alemanha que levar uma existência mutilada, “uma existência mendiga” (1953, 257). Mas os aliados proibiram a solução da anexação à Alemanha.

A miséria foi a realidade incontornável do pós-guerra. À carência de alimentos e combustíveis se juntava a de habitações. A fome era evidente entre os trabalhadores em toda parte. Depois de cinco anos sem investimentos, as cidades mostravam sinais de ruína. A situação se deteriorava rapidamente e a solução foi a emissão de moeda e a crescente desvalorização do dinheiro, produzindo um verdadeiro caos. Uma situação absurda e imoral, segundo Zweig. A inflação durou três anos e o ritmo era cada vez mais acelerado. Os estrangeiros chegaram para vampirizar o país. Compravam de tudo, desde os bens de consumo até as propriedades.

O inexplicável e contraditório, segundo a memória de Zweig é, a um só tempo, a proximidade da revolução, e a imunidade da sociedade austríaca em relação a ela. Na Baviera estabelecera-se uma república comunista, a Hungria de Bela Kun tornara-se bolchevique, e a Áustria, espoliada, separada de suas fontes de riqueza, manteve-se governada pela união dos dois principais partidos tradicionais, sem que o autor soubesse avaliar se havia sido por um espírito de conciliação ou pela completa ausência de forças que permitissem a mobilização para qualquer luta.

Se a revolução não aconteceu na prática, ela aconteceu nos espíritos. O elemento fundamental da mudança que se operou na sociedade foi o fim da crença na infalibilidade das autoridades.

Somente com o final do conflito, a devastação produzida pode ser dimensionada. Não havia retorno possível. Nesse sentido, por que razão se deveria esperar o respeito e a obediência às autoridades que permitiram o assassinato e o saque denominado requisição, em nome de um falso heroísmo? A juventude já não acreditava nos pais, nos políticos ou nos professores. Essa geração do pós-guerra voltou as costas para toda a tradição, abandonou todo o passado. O futuro deveria começar como um mundo inteiramente novo, depois do fracasso da geração que preparou o mundo para a guerra.

As manifestações mais contundentes dessa revolução dos espíritos aconteceram nos comportamentos e nas artes, expressando a ruptura profunda com todos os paradigmas anteriores. "Foi uma época de êxtases entusiásticos e de fraudes ousadas", na qual toda normalidade e moderação era absolutamente condenada.

Como toda revolução espiritual, ela no primeiro entusiasmo, avançando orgiasticamente, purificara a atmosfera do que era sufocante e tradicional, descarregara a tensão de muitos anos, e, a despeito de tudo, de seus experimentos ousados restaram estímulos valiosos.

Para Zweig, era justo o sentimento íntimo daquela geração, convicta de que a época que se inaugurava teria que ser diferente da anterior à guerra. O que ele não imaginava, ou não podia crer é que o novo não seria um tempo de paz, que o conflito havia se deslocado do terreno internacional para o social. De um lado via-se em todo muro os traços da revolução bolchevique escritos a carvão: "Viva Lenin!", de outro, o fascismo que nascia na Itália, bem dirigido por Mussolini, e capaz de fanatizar jovens decididos. Havia luta por toda parte (1953, 282).

Dois outros fatores foram apontados por Zweig para que a paz fosse uma ilusão de breve duração: o fracasso do plano de paz de Wilson, e a ascensão de Hitler, em 1933. É interessante notar que a crise de 1929 assume papel marginal no processo em sua narrativa. Suas consequências, como o desemprego e a intranquilidade social não foram destacadas com a mesma centralidade que o caos da inflação do pós-guerra na Áustria e na Alemanha. A força do nazismo

estava na sua origem e não na crise política que se desencadeou a partir de 1932. Seu fundamento era a afirmação que o povo alemão não havia sido vencido e que toda negociação de paz nos termos dos vitoriosos significava uma traição à pátria. O marco fundamental de sua representatividade e crescimento como ator político teria sido o assassinato do ministro de Relações Exteriores Walter Rathenau, fato que desencadeou o pânico, a hiperinflação e o caos, com a ruína das famílias, o desemprego e uma revoltante voracidade dos especuladores estrangeiros, terreno fértil para a pregação nacionalista. Enquanto isso, o plano de Wilson, sempre tratado de forma idealista, como um programa de paz perpétua, teria fracassado em razão dos interesses da indústria armamentista e da rejeição dos generais. Também aqui há um estranhamento natural por parte do pesquisador, uma vez que não parece ter importância na narrativa a decisão do Congresso americano de não ratificar o pacto da Liga, assumindo o protagonismo que lhe caberia. E nem existe menção aos termos do Tratado de Versalhes como fonte de instabilidade e desequilíbrios. Parece, em síntese, que a narrativa é cuidadosamente construída para que nenhum fator tenha maior relevância do que o nazismo em si, como fenômeno surgido dos próprios valores da sociedade alemã, tal como explorados na comparação feita entre Berlim e Paris.

#### IV - Considerações finais:

Um sentido amplo presente na narrativa de Zweig é a impossibilidade de justificativa dos fenômenos que assombraram a Europa a partir da Grande Guerra e das paixões nacionalistas. Não há compreensão possível para o irracionalismo e para os custos da ruptura com um passado onde os diversos aspectos da vida progrediam numa dinâmica segura em direção à conquista de benefícios para o conjunto dos indivíduos, com a melhora, inclusive, das condições da classe operária por meio da garantia de direitos. As instituições políticas civilizaram-se e garantiam a representação de interesses de forma a domesticar as diferentes demandas por meio de canais disciplinados de participação. Tudo parecia caminhar no sentido de um efetivo progresso das relações sociais. O que poderia, neste cenário, justificar a barbárie, o abandono da razão e

das práticas da civilização que chegava ao seu estágio de maior realização? É essa perplexidade diante do incompreensível que perpassa o texto construído para significar uma condenação, sobretudo tendo-se em conta que os elementos apresentados para a compreensão dos contextos evidenciavam seus fundamentos irracionalistas, ainda predominantes na sociedade alemã. Há, entretanto, uma advertência que recoloca a oposição civilização-barbárie em outros termos, quando o progresso em si engendra a barbárie. Trata-se do perigo resultante do próprio desenvolvimento tecnológico e do poder que ele é capaz de concentrar. Ele parece gerar um círculo vicioso de competição e armamentismo cujo desfecho é a guerra, o meio não apenas de eliminar os obstáculos à concentração do poder, mas de alimentar as necessidades de expansão do próprio círculo industrial e de poder. Nesse sentido, a narrativa relativiza, em alguma medida, as conquistas da civilização de progresso herdadas do século XIX.

Outro tema fundamental na narrativa é o da ruptura, explorado por meio da descrição do ambiente social no pós-guerra. A condenação de toda a autoridade passada, responsabilizada pelo caos e pelos crimes baseados em falsos valores de heroísmo, a desconfiança em relação à geração que construiu aqueles valores e a destruição das referências do passado, sendo a principal o próprio império, criaram o ambiente da busca e experimentação do novo, em variadas formas. Abriu-se de uma só vez um enorme vazio, imediatamente ocupado por novas ideias e discursos cujos valores se legitimavam em parte por seu caráter original. Esse foi o ambiente em que cresceu a adesão a ideologias revolucionárias, marcadas pelo caráter de ruptura e refundação. A tematização desse estado de espírito é seminal, compondo com riqueza de elementos um quadro de falência de laços e comprometimentos sociais, de desejo de subversão dos ordenamentos anteriores e de experimentações de novos valores. Como se evidenciou, em seguida, a busca do novo não foi garantia de paz e segurança, ao contrário, foi mais um elemento do conflito, transferido, momentaneamente, da esfera internacional para a esfera social.

## REFERÊNCIAS

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LAIDLER, Christiane Vieira. *A Segunda Conferência da Paz de Haia – 1907*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010.

LEVILLAIN, Philippe. "Os protagonistas: da biografia" In RÉMOND, René (org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 141-184.

MACMILLAN, Margareth. *The war that ended peace*. How Europe abandoned peace for the First World War. London: Profile Books, 2013.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. História completa. Tradução de Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2013.

ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi*. Minhas memórias. Tradução de Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Delta S.A., 1953.

Bibliografia

